

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 40

2021

Nº 238

JULHO - AGOSTO

Não aderimos ao novo acordo ortográfico

Propriedade, Administração, Índice Página
Redacção, Composição e
Impressão :

Rua das Pedralvas, nº. 1-A
1500-487 Lisboa
Telefone : 217 647 441

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

*

Tiragem : 150 exemplares
Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

Editorial	2
Recordando Allan Kardec	3
Religiosidade	8
Os padrões Evangélicos	11
Salvé Rainha! (Poema)	17
O Homossexualismo	19
Eu, a D. E., o Tempo...	25
Mensagem para Você	29
De ânimo Forte	31

*

EDITORIAL

Daqui a meia dúzia de dias começará o segundo semestre do ano – o que quer dizer que seis meses passaram já desde que começámos o que está a correr... e, parando um pouco para pensar, perguntamo-nos, e a quem nos esteja a ler, como temos aproveitado estes mais ou menos 180 dias que já vivemos?

Sabemos que muitos de nós desculpar-se-ão com o confinamento para o **NADA** que irão responderá pergunta que fizemos acima, mas – doa a quem doer – a resposta não nos satisfaz porquanto, quando se quer, há sempre algo que se pode fazer... criar... inventar, para um tempo que nos surge sem estar programado.

Por outro lado, não é verdade que muitos de nós temos várias coisas pendentes, aguardando um pouco de tempo para as resolvermos? Porque não se resolveram agora?...

Cremos que, para além de tudo o que ficou pendente devido aos obstáculos surgidos e que, no momento, não puderam ser ultrapassados, muitos de nós não sabemos gerir convenientemente o tempo de que dispomos nem o sabemos, talvez, programar para quando, um dia, surja a oportunidade de o usarmos de maneira diferente.

Entretanto, temos de pensar que Deus não nos criou nem concedeu a presente reencarnação para ficarmos de braços cruzados, apenas por que não podemos fazer aquilo que estamos habituados a realizar. Ele mesmo não pára e é Jesus que o afirma

quando esclarece que “o Pai trabalha até hoje e Eu trabalho também”. Assim, concluímos, não devemos ser, como se diz correntemente, “mais papistas que o Papa” – para não agirmos errado!

Mudemos, então, o nosso comportamento e aproveitemos todas as horas – ainda vagas -, para não nos virmos a arrepender, mais tarde, do que poderíamos ter feito e das oportunidades conscientemente perdidas!

E depois... para além de tudo o mais, é sempre tempo de emendarmos aquilo que reconhecermos estarmos a fazer errado!

A DIRECÇÃO

*

RECORDANDO ALLAN KARDEC

Reuniões e Sociedades – Reuniões em Geral

As reuniões espíritas podem oferecer grandes vantagens, pois permitem o esclarecimento pela permuta de pensamentos, pelas perguntas e observações feitas por qualquer um, de que todos podem aproveitar-se. Mas para se obterem resultados desejáveis requerem condições especiais que vamos examinar, porque seria erróneo tratá-las como as das sociedades comuns. Aliás, constituindo-se as reuniões em verdadeiros *todos colectivos*, o que a elas concerne é uma consequência natural das instruções individuais dadas anteriormente. Devem elas tomar as mesmas precauções e preservar-se das mesmas dificuldades referentes aos indivíduos. (...)

As reuniões espíritas diferem muito, quanto às suas características, segundo os seus propósitos. E por isso mesmo a sua constituição deve também diferir. Segundo a sua natureza, elas podem ser **frívolas, experimentais** ou **instrutivas**.

As reuniões **frívolas** constituem-se de pessoas que só se interessam pelo aspecto de passatempo que elas podem oferecer através das manifestações de Espíritos levianos, que gostam de se divertir nessas espécies de reunião, pois nelas gozam de inteira liberdade. É nessas reuniões que se costumam pedir as coisas mais banais, que se pedem aos Espíritos a predição do futuro, que se experimentam a sua perspicácia para adivinhar a idade das pessoas, o que elas trazem nos bolsos, revelar pequenos segredos e mil outras coisas dessa importância.

Essas reuniões são inconsequentes, mas como os Espíritos levianos são às vezes bastante inteligentes e, em geral, bem humorados e joviais, acontecem frequentemente coisas bastante curiosas, de que o observador pode tirar proveito. Aquele que só tivesse presenciado essas sessões e julgasse o mundo dos Espíritos segundo essa amostra, teria dele uma ideia muito falsa, como a de alguém que julgasse toda a população de uma cidade pela de alguns dos seus bairros. O simples bom senso diz-nos que os Espíritos elevados não podem comparecer a reuniões dessa espécie, em que as pessoas presentes são tão inconsequentes como as entidades manifestantes. Quem quiser ocupar-se de coisas fúteis, deve naturalmente evocar Espíritos levianos, como numa reunião social chamariam comediantes para se divertirem. Mas haveria profanação em convidar pessoas de nomes veneráveis, misturando assim o sagrado com o profano.

As **reuniões experimentais** têm mais particularmente por finalidade a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas representam um espectáculo mais curioso do que instrutivo. Os incrédulos saem delas mais espantados do que convencidos, quando não tenham visto outra coisa, e voltam-se inteiramente para a procura de possíveis artificios, porquanto, nada entendendo do que viram supõem naturalmente a existência de truques. Acontece inteiramente o contrário com os que estudaram o assunto. Estes, compreendem de antemão a possibilidade das ocorrências e os factos positivos determinam assim a consolidação de suas convicções. Por outro lado, se houvessem truques, eles estariam em condições de descobri-los.

Apesar disso, essas espécies de experimentação têm uma utilidade que ninguém poderia negar, pois foram elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível, e para muitas pessoas são ainda um poderoso motivo de convicção. Mas sustentamos que elas não são suficientes para iniciar alguém na Ciência Espírita, pois o simples facto de ver um mecanismo engenhoso não pode dar o conhecimento da mecânica para quem não esteja informado das suas leis. Contudo, se essas experiências fossem dirigidas com método e prudência, poderiam obter-se resultados bem melhores. (...)

As **reuniões instrutivas** têm características inteiramente diversas, e como é nelas que podemos obter o verdadeiro ensinamento, insistiremos nas condições em que devem realizar-se.

A primeira de todas é a de manterem a seriedade em toda a acepção do termo. É necessário que todos estejam convencidos de que os Espíritos a que desejam dirigir-se pertencem a uma natureza especial, que o sublime não podendo misturar-se ao

banal, nem o bem com o mal, se desejarmos obter bons resultados é necessário dirigirmo-nos aos Espíritos bons. Devemos, como condição expressa, estar em situação favorável para que eles queiram atender-nos. Ora, os Espíritos superiores não comparecem às reuniões de homens levianos e superficiais, como não compareceriam quando estavam encarnados.

Uma sociedade não é verdadeiramente séria se não se ocupar de assuntos úteis, com exclusão de todos os outros. Se ela deseja obter fenómenos extraordinários por curiosidade ou passatempo, os Espíritos que os produzem poderão comparecer, mas os outros se afastarão. Numa palavra, conforme o carácter da reunião, ela sempre encontrará Espíritos dispostos a atender às suas tendências. Uma reunião séria afasta-se da sua finalidade se troca o ensinamento pelo divertimento. As manifestações físicas têm a sua utilidade, como já dissemos. Aqueles que desejam ver devem participar de reuniões experimentais, e os que desejam compreender, devem dirigir-se a reuniões de estudos. É assim que uns e outros poderão completar a sua instrução espírita, como no estudo da medicina uns vão aos cursos e outros à clínica.

A instrução espírita não compreende somente o ensino moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos factos. Abrange a teoria dos fenómenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a constatação do que é possível e do que não é, ou seja: a observação de tudo quanto possa fazer que a ciência se desenvolva. Seria erróneo acreditar que os factos estejam limitados aos fenómenos extraordinários, que os que tocam principalmente os sentidos sejam os únicos dignos de atenção. Encontram-se a cada passo factos importantes nas comunicações inteligentes, que as pessoas reunidas para o estudo não poderiam negligenciar. Esses factos, que seria impossível enumerar,

surgem de numerosas circunstâncias fortuitas. Embora menos gritantes não são de menor interesse para o observador que neles encontra a confirmação de um princípio conhecido ou a revelação de um novo princípio, que o leva a penetrar mais fundo nos mistérios do mundo invisível. Nisso há, também, filosofia.

As reuniões de estudo são ainda de grande utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, sobretudo para os que desejam seriamente aperfeiçoar-se e, por isso mesmo, não comparecem a elas com a tola presunção da infalibilidade. Uma das grandes dificuldades da prática mediúmica, como já dissemos, encontra-se na obsessão e na fascinação. Eles poderiam, pois, iludir-se de muito boa fé, quanto ao mérito das comunicações obtidas. Compreende-se que os Espíritos enganadores encontram caminho aberto quando lidam com a pessoa ignorante do assunto. É por isso que procuram afastar o médium de todo o controle, chegando mesmo, quando necessário, a fazê-lo tomar aversão a quem quer que possa esclarecê-lo. Graças ao isolamento e à fascinação, podem facilmente levá-lo a aceitar tudo o que quiserem.

(Continua no próximo número).

(In: O LIVRO DOS MÉDIUNS, ed. Lake, 8ª ed. 1978. Capítulo XXIX. Transcrição dos n.ºs. 324 a 327 e parte do 328).

*

RELIGIOSIDADE

A oração dominical constitui-se um completo colóquio com o Pai Celestial

“A Religião é o sentimento divino que prende o homem ao Criador.” – EMMANUEL

Os Espíritos Superiores, tais como André Luiz, Emmanuel, Joanna de Ângelis, Herculano Pires e outros, são unânimes em afirmar as excelências da prece e da religião! Ora, tais assertivas são, evidentemente, ratificadas por companheiros de indiscutível tirocínio, como o singular médium mineiro Chico Xavier, e o não menos enfático bahiano, Divaldo Pereira Franco.

Hermínio C. de Miranda, chega, inclusive, com toda a razão, a afirmar ser o aspecto religioso o mais importante dentre os três pilotes nos quais se assentam os princípios espíritas: Ciência, Filosofia e Religião.

Afirma Emmanuel¹: *“O quadro de perturbações de nosso tempo é, em grande parte, devido à ausência da influência religiosa nas novas gerações... Precisamos encontrar um caminho de ajustamento da nossa alma à ideia de Deus e aos conceitos da religião, quaisquer que sejam esses preceitos, que nos conduzem para o Bem, a fim de que venhamos a encontrar o equilíbrio de que estamos necessitando.*

A falta da ideia de Deus e a suspensão dos valores éticos junto com a ausência da religião no pensamento da criatura, gera tendências à criminalidade, à violência, à subversão, às dificuldades que chegam, às vezes, até à loucura.”

Duma página mediúmica de Joanna de Ângelis, pela mediunidade de Divaldo Franco, no dia 23 de Agosto de 1988, em Santa Mónica, Estados Unidos, pinçamos os seguintes apontamentos:

“Cultivemos e desenvolvamos a religiosidade que vige em nós. Ela fomenta a alegria e dá vida... Usemos o sentimento religioso no exercício da oração, na acção morigerada da caridade.

Todos os grandes vultos da humanidade lograram realizar os seus sonhos de contribuir para o progresso geral, graças à religiosidade que aplicaram aos seus planos e ao sentimento de fidelidade religiosa que mantiveram em relação aos mesmos, jamais se afastando dos rumos que seguiam. Deste modo, torna a tua vida um hino de Amor e deixa que o sentimento religioso trabalhe as tuas aspirações, removendo as mazelas e impulsionando-te à bem-aventurança.”

Allan Kardec inseriu em ‘O LIVRO DOS ESPÍRITOS’, nove questões sobre a prece (q.658 a 666), sendo que a de número 660 é a seguinte: “*A prece torna melhor o homem?*”

Resposta: “*Sim, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.”*

Os dois últimos capítulos do livro ‘O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO’, são totalmente dedicados ao estudo dos efeitos da prece em nossas vidas. O Mestre Lionês, “*o bom senso encarnado*” (segundo afirmativa de Flammarion), jamais os teria incluído no bojo da Codificação Espírita se a necessidade e oportunidade deles não fossem imperiosas.

O próprio Cristo orava. E muito!... Ele nos legou a Oração Dominical, síntese portentosa de todo um completo colóquio com nosso Pai Celestial. E, atendendo à recomendação dos Espíritos Superiores, Allan Kardec colocou-a no frontispício de todas as demais preces dos capítulos acima mencionados.

André Luiz só conseguiu emancipar-se das regiões das sombras onde permaneceu durante oito anos, quando dirigiu ao Mais Alto longa e dolorosa prece.

Eis o seu poético testemunho²: “*(...) a primeira prece colectiva em ‘Nosso Lar’, operara em mim completa transformação. Conforto inesperado envolvia-me a alma. Pela primeira vez, depois de anos consecutivos de sofrimento, o pobre coração, saudosos e atormentado, à maneira de cálice muito tempo vazio, enchera-se de novo das gotas generosas do licor da esperança.”*

Gandhi diz que a prece deve ser “*a tranca da noite e a chave da manhã*”.

Vemos assim, consoante o pensamento de todos os luminares das letras espíritas de ambos os planos da vida, o quanto é importante em nossas vidas a religião e a oração.

Quantas e quantas vezes os registos evangélicos nos dão a informação das vezes que Jesus abandona a confusa algaravia da multidão e subia aos montes – solitário – lá permanecendo longas horas reabastecendo-Se em sublimes colóquios com o Pai Celestial para, empós, voltar às lides de divulgação da Boa Nova!

Se o próprio Cristo sentia necessidade da oração, quão maior é essa necessidade para todos nós que ainda engatinhamos nos baixios das sendas evolutivas!... Portanto, não falece dúvida que oração e religião são os temas da equação da vida, os veículos que ensejam nossa proximidade dos Páramos Celestes, oferecendo paz e tranquilidade ao nosso coração, ao mesmo tempo em que fomenta a fé raciocinada.

Só o orgulho e uma falsa auto-suficiência podem ofuscar o entendimento para essas coisas tão simples quão elementares!...

1 - XAVIER, F. Cândido. *A Terra e o Semeador*. Araras: IDE, item 25.

2 – Xavier, F. Cândido: *Nosso Lar*. 50ª ed. Rio (de Janeiro), FEB, 2000, cap. 3.

ROGÉRIO COELHO

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

*

OS PADRÕES EVANGÉLICOS

Segundo o nosso saudoso confrade Paulo Alves Godoy, quase tudo na Terra é regido por padrões: no campo da Física, da Química, da Mecânica, da Arquitetura, da Arte, os padrões são necessários e, quando devidamente aplicados, resultam em segurança e perfeição. Tais padrões são elaborados através de profundos trabalhos de pesquisa, e, de um modo geral, representam o esforço de grupos de estudo, que os estabelecem após experiências práticas e comprovadas.

No que tange aos assuntos evangélicos, também existem padrões estabelecidos pelo Cristo, dos quais não podemos furtar-nos, a menos que ocorra um desequilíbrio em nossa vida, ou que, pelo menos, retardemos a nossa caminhada para Deus. Em outras palavras: da exacta aplicação desses padrões, resultam melhores ou piores consequências para a nossa alma, em seu processo de reajustamento para com a Justiça Divina.

Os padrões estabelecidos pelo Cristo são normas que devem ser obedecidas em nossas provações terrenas. Da inobservância delas, surgem as expiações, muitas vezes danosas, as quais acarretam um retardamento sensível em nosso processo evolutivo. Jesus Cristo estabeleceu vários padrões e, para esclarecer-nos, ilustrou os Evangelhos com factos ou parábolas que melhor conseguiram reflectir esses parâmetros.

O primeiro e principal padrão é o do amor a Deus sobre todas as coisas. Nesse particular, Ele próprio nos ensinou o exemplo, enaltecendo sempre a paternidade de Deus e demonstrando a Sua submissão em relação ao Pai.

No colóquio com a mulher samaritana (João, 4:1-30), Ele revelou o Deus verdadeiro, que quer ser venerado pelos verdadeiros adoradores, os quais executam a Sua soberana vontade, demonstrando assim que O amam acima de todas as coisas.

Outro padrão de suma importância é o do amor ao próximo como a si mesmo. Para nos ensinar como praticá-lo, legou-nos a parábola do bom samaritano (Lucas, 10:25-37), na qual deparamos com um homem samaritano dando a mais

insofismável demonstração de amor incondicional e irrestrito para com o seu próximo.

Outro padrão bastante significativo é o da prática do perdão. Nesse caso, o Mestre apelou para a parábola do credor incompassivo (Mateus, 18:23-35), onde deparamos com um rei que deliberou perdoar os débitos de uma pessoa que lhe devia grande quantia e, a fim de consolidar melhor a fórmula adequada para aplicação desse padrão, Ele asseverou a Pedro que deveríamos perdoar o nosso irmão não sete vezes mas setenta vezes sete.

A fim de nos ensinar o padrão do resguardo da avareza e do egoísmo, Ele ensinou-nos a parábola do rico e de Lázaro, dando uma mostra das agruras que aguardam aqueles que não observam os padrões que regem a posse transitória dos bens terrenos e fazem mau uso das riquezas terrenas.

Dentre os padrões estabelecidos pelo Cristo, existe um que diz respeito ao orgulho, e, para elucidá-lo melhor aos seus discípulos, Ele relembrou a parábola do fariseu e do publicano (Lucas, 18:9-14), em cuja passagem evangélica o fariseu deixou transparecer todo o seu orgulho e absoluta falta de tolerância para com o publicano arrependido.

O padrão que diz respeito à necessidade de não escondermos os benefícios recebidos do Alto, fazendo com que eles se tornem úteis apenas para nós, evitando que eles produzam frutos em abundância, nos é revelado na parábola dos talentos (Mateus, 25:14-30).

Muitos outros padrões foram estabelecidos pelo Cristo: para nos facultar uma compreensão sobre o padrão da fé, Ele nos

propiciou a descrição da cura do servo do Centurião de Cafernaum (Lucas, 7:1-10).

Para entendermos o padrão da lealdade, o Mestre nos ensejou o episódio da traição, no qual Judas de Iscariotes abandonou sua carreira apostólica a troco de trinta moedas de prata (Marcos, 14:43-51). A fim de amealharmos um tesouro nos céus, o Mestre ensejou-nos conhecer os padrões da responsabilidade, ensinando-nos a parábola das dez virgens.

Os que não seguem os padrões do Cristo são, obviamente, os que negligenciam os seus deveres na Terra, menosprezando os benefícios que os céus, por excesso de misericórdia, lhes concede. Entre estes últimos situam-se os que não usam de misericórdia, de fraternidade, de compreensão e de amor para com seus semelhantes; não se enquadram também nesses padrões os que são tardios na aplicação da justiça, os que tergiversam (*voltam as costas; usam de subterfúgios, buscam evasivas*) com os menores deveres de humanidade e de tolerância para com os seus semelhantes.

Somente estão perfeitamente enquadrados nesses padrões os que conhecem a vontade de Deus e a executam.

Judiciosa e sabiamente, aconselha Meimei: *Tenhamos paciência e avancemos. “Não importam as pedras e incompreensões... Hoje o relógio do nosso destino deve acertar os ponteiros pela hora do Cristo. Se o bem nos inspira, se o amor nos conduz, se o sacrifício pessoal é a nossa norma de acção, se o trabalho e a solidariedade fraternal representam nossas directrizes, seguimos com o minuto certo nos passos d’Aquele que nos arrebatou à animalidade e à imperfeição com o preço do próprio sangue.*

Jesus é o nosso Modelo. Buscando-O sempre, a fim de plasmar-Lhe as qualidades divinas em nossa individualidade imperfeita e humana, permaneceremos no lado direito da vida” verdadeiramente adaptados ao Seu clima.

Mimetizemo-nos pelos padrões do Cristo, que prossegue vigilante e amoroso oferecendo-nos arrimo na segurança de Seu Divino aprisco.

Conquanto proceloso nos possa parecer o oceano da vida, Ele é o Timoneiro experiente e sábio que haverá de conduzir-nos para os altiplanos espirituais, onde daremos graças pelas ásperas escarpas vencidas e pelos espinhos ferintes que nos alancearam as “*carnes da alma*”, mas, sem embargo, agindo como buril para o aformoseamento do Espírito Imortal. Portanto, na condição de Seus tutelados só nos resta exorar:

Senhor da Vida!
Quisera ter a métrica mais perfeita
E a rima mais rica
Para louvar-Te e enaltecer-Te!
Porém, impede-me o apoucamento
Mental
Minha incapacidade de compreender
Toda a extensão de Tua infinita
Grandeza,
Toda a sublimidade de Tua Alma
Radiosa!
Tuas pegadas, unificadas por
Tuas lágrimas e Teu sangue
Vertidos por incomensurável amor à
Humanidade,
Marcaram com cerúlea luz

O escuro chão terrestre,
Apontando-nos o nadir do porvir,
O alcandorado roteiro do luminoso
Futuro...
Dois mil anos são passados
Desde o dia singular em que brilhou
Na escura noite terrestre
O Foco da Luz Divina
Nas terras de Zebulom e Naftali.
Quando, enfim, Senhor,
A humanidade comprometida
Por um passado tenebroso de crimes e
Escarcéus
Irá compreender-Te e seguir-Te
Nos caminhos que levam aos Céus?
Até quando terás de sofrer-nos?
Tem paciência conosco, Senhor!...
Os que somos tardos no entendimento,
Os que temos ouvidos moucos
Para Teu Verbo luminescente.
Porque são tão poucos
Os que têm olhos de ver?
Auxilia-nos a colocar nossos passos
Claudicantes ainda,
Sobre Tuas pegadas,
Ajudando-nos como Cireneu Divino.

FRANÇOIS C. LIRAN

(Transcrito, com a devida vénia, do “Informativo Doutrinário”, da Casa Espírita Manoel Henrique – R. Etelvino Guimarães, s/nº - Manhuaçu – Minas Gerais, Brasil. Nº 132, ano III, Março de 2020).

SALVÉ, RAINHA!

Ó Rainha do Céu! Senhora Excelsa
E Mãe Sublime e Santa!
Permite que do vale das tormentas,
Onde em trevas e em dor nos arrastamos,
Levantemos os olhos respeitosos,
E o coração em prece confiante,
Buscando o Teu Amor – amparo certo
De todos os calcetas deste mundo!

Bem sabes, Tu que lês em nossas almas,
Que por mais desvairados de vaidade,
Por mais inflados de soberba e orgulho,
Por mais estranhamente ensandecidos,
Nunca deixamos de curvar a fronte
E ajoelhar o espírito contrito
Ante o celeste altar de Teu carinho!

Ó Mãe Fiel, a quem jamais, na vida,
Olvidamos de amar, em culto terno,
Luz que sempre impediu que a treva imensa
De todo enegresse a nossa noite!...
Sois, ó Senhora, a Estrela Peregrina
Que de nosso destino, por mais triste,
Jamais esteve ausente, em luz de graça!...

... / ...

Quando no fundo atroz do Orco nefando
Rastejamos despidos de esperança,
Quase mortos de fé e sem mais forças
Para mesmo aspirar a ser nós mesmos...
Quando tudo faliu em nossa estrada
E a noite imensa mergulhou na sombra
O nosso passo incerto...
Quando a Piedade se calou, já fria,
E até mesmo a Bondade eclipsou-se,
Fugindo da miséria soberana
Que nos marcava o tenebroso fado,
Foste ainda o luar que, em luz aberto,
Nos guiou à manhã de um novo dia
De rutila esperança!

És tu a salvação de todos quantos
O Senhor fez teus pobres afilhados,
Para que os conduzas, Mãe Divina,
Onde somente a força generosa
Do Amor que tudo vence levar pode!
Sê bendita e recolhe em nossa prece
De filhos gratos o sentido humilde
De um carinhoso reconhecimento,
Que nasce, peregrino e sublimado,
Do fundo de nós mesmos!

FAGUNDES VARELA

(In: CORREIO ENTRE DOIS MUNDOS, - Espíritos Diversos -
médium Hernâni de Sant'Ana, ed. FEB. Rio-RJ, 2ª ed. 2002).

O HOMOSSEXUALISMO

Em qualquer situação sexual em que nos encontremos, temos o dever de nos respeitar e respeitar o nosso próximo.

Homossexualismo é a atracção erótica entre pessoas do mesmo sexo. Este é um assunto polémico, tanto no seu aspecto comportamental, quanto no seu aspecto moral.

Vamos encontrar notícias de práticas homossexuais nos mais longínquos séculos da história da humanidade.

Na Grécia antiga, por exemplo, o homossexualismo masculino tinha características diferentes do praticado na actualidade. Os homossexuais bem aceites eram aqueles que apresentavam características másculas, e, por ironia do destino, os homossexuais afeminados eram mal vistos e até repudiados.

O homossexualismo feminino denominou-se lesbianismo, palavra derivada de Lesbos, ilha grega onde a poetisa Safo liderava um grupo de mulheres.

No decorrer da História, várias foram as explicações e interpretações dadas à conduta homossexual.

Na cultura Ocidental, o homossexualismo foi geralmente interpretado como um comportamento socialmente inaceitável e sujeito mesmo a punições.

No início do século XX, Sigmund Freud definiu a homossexualidade como sendo resultado dos conflitos do desenvolvimento psico-sexual, e explicou o homossexualismo

masculino como uma longa e intensa ligação edipiana com a mãe. O que levou muitos psiquiatras e psicanalistas a encará-lo como uma patologia, opinião que tem sido cada vez mais contestada no meio científico.

Muitos especialistas também começaram a aventar que o homossexualismo seria, em alguns casos, consequência de uma disfunção hormonal, de origem congénita, mas até hoje não se conseguiram provas patentes de sua hipotética origem genética.

Mas, e à luz da Doutrina Espírita? Qual seria a explicação dos Espíritos Superiores para a questão?

Se recorrermos ao ‘O Livro dos Espíritos’, não vamos encontrar nenhuma resposta às causas da homossexualidade, pois no item VI “Sexo dos Espíritos”, pergunta nº. 200, Kardec limitou-se a interrogar se os espíritos têm sexo, ao que os Espíritos Superiores responderam:

- Não como o entendeis, porque os sexos dependem da constituição orgânica. (...)

Esclarecem ainda que os espíritos podem animar corpos, tanto de homens como de mulheres, e que isto está sujeito à natureza das provas que o espírito terá de sofrer.

O Codificador também tece alguns comentários, como o de que os espíritos, devendo progredir em tudo, encarnam em diferentes sexos, pois cada sexo, como cada posição social, oferece provas e deveres, ocasiões em que terão chance de adquirir novas experiências e que aquele que fosse sempre homem só saberia o que sabem os homens.

No livro “Acção e Reacção”, ditado pelo Espírito André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier, Silas, assistente encarregado de orientar André Luiz e Hilário, diz que “ (...)o sexo, na essência, é a soma das qualidades passivas ou positivas do campo mental do ser, é natural que o espírito acentuadamente feminino se demore séculos e séculos nas linhas evolutivas da mulher, e que o espírito marcadamente masculino se detenha por longo tempo nas experiências do homem”.

Em “Sexo e Destino”, do mesmo autor espiritual, os espíritos dizem que “(...)masculinidade e feminilidade totais são inexistentes na personalidade humana, do ponto de vista psicológico. Homens e mulheres, em espírito, apresentam certa percentagem mais ou menos elevada de características viris e feminis em cada indivíduo, o que não assegura possibilidades de comportamento íntimo normal para todos, segundo a conceituação de normalidade que a maioria dos homens estabeleceu para o meio social”.

Numa entrevista concedida a José Lucas (Portugal), o orador e líder espírita Divaldo Pereira Franco esclarece que os espíritos dizem que o ser realiza experiências em quatro áreas da sexualidade: “na assexualidade, em que um indivíduo tem anatomia mas a sua psicologia é tranquila, vive em muita paz e não sente a presença da libido; na heterossexualidade, quem tem a finalidade precíqua de preservar a vida, de multiplicá-la, de perpetuá-la; na homossexualidade, em que um indivíduo elege um parceiro do seu próprio sexo; ou na bissexualidade, que, de alguma forma, não tem o carácter fisiológico. Enquanto na homossexualidade o indivíduo tem uma anatomia que não corresponde à sua psicologia, na bissexualidade não encontraremos o indivíduo dotado dos dois sexos.”

Divaldo observa que seja em que faixa se movimente o espírito, estaremos diante de um processo de evolução.

O respeitado tribuno espírita diz ainda que “(...) o que o Espiritismo considera negativo para o espírito é o seu comportamento nesta ou naquela outra área: uma vida promíscua, a pederastia, a entrega sem nenhum respeito por si mesmo nem pelo próximo, mas não apenas no homossexual mas também no heterossexual”.

“O homossexualismo, portanto, não é uma doença, não é uma patologia. Dizem os melhores sexólogos que é uma preferência sexual. No entanto, sabemos que é uma experiência a que o espírito se impõe ou que lhe é imposta, por causa de uma conduta anterior na qual não soube manter o seu equilíbrio. Imaginemos uma mulher que vive exclusivamente para o sexo, sem emoções, que perverte homens, que destrói lares. Numa próxima reencarnação retornará com a anatomia masculina, porém com as tendências psicológicas femininas. Veremos, num homossexual, um homem que de alguma forma utilizou o sexo para o prazer, para perverter, para levar à corrupção; ele reencarna com tendências femininas e uma anatomia masculina. (...)”

“Cabe ao espírito reencarnado respeitar o ‘vaso’, o ‘corpo físico’.”

“Então, pergunta-se se esse ser tem o direito de experimentar o sexo. É um problema de consciência. Cada um responde pelo comportamento que tem; no entanto, uma lei é incontestável: temos o dever de nos respeitar e respeitar o nosso próximo.”

E o tribuno finaliza:

- “Não se trata, portanto, de uma patologia, mas de uma experiência.”

E o repórter pergunta:

- *Quer dizer que não é moralmente reprovável?*

No que Divaldo responde:

- *Não. A atitude mental e o comportamento sexual é que irão estabelecer a moralidade ou a imoralidade da experiência pessoal”.*

Em “Sexo e Destino”, quando André Luiz se arrisca a perguntar sobre preceitos e preconceitos vigentes no orbe, no que se refere ao assunto, o Espírito Félix diz que “(...) *os homens podem, efectivamente, alterar de chofre as leis morais em que se regem, sob pena de precipitar a humanidade na dissolução, entendendo-se que os espíritos ainda ignorantes ou animalizados, por enquanto em maioria no seio de todas as nações terrestres, estão invariavelmente decididos a usurpar liberalidades prematuras para converter os valores sublimes do amor em criminalidade e devassidão*”. (Como estamos vendo nos dias actuais: o grifo é nosso).

E acrescenta: “(...) *no mundo porvindouro os irmãos reencarnados, tanto em condições normais quanto em condições julgadas anormais, serão tratados em pé de igualdade, no mesmo nível de dignidade humana, reparando-se as injustiças assacadas há séculos, contra aqueles que renascem sofrendo particularidades anómalas, porquanto a perseguição e a crueldade com que são banidos pelas sociedade humana lhes impedem ou dificultam a execução dos encargos que trazem à*

existência física, quando não fazem deles criaturas hipócritas, com necessidade de mentir para viver, sob o sol que a bondade divina acendeu em benefício de todos.”

A Terceira Revelação vem, assim, lançar luz sobre mais este capítulo dos dramas humanos, oferecendo também solução para o problema, pois os espíritos dizem que as criaturas que estagiam nesta experiência, quando quiserem, podem alterar os estados de consciência recorrendo à oração, à fluidoterapia e canalizando a sua energia genética para a leitura, os trabalhos de assistência fraterna, esforçando-se pelo seu aprimoramento moral.

Lembrando-nos também que,. Em qualquer situação em que reencarnemos, a volta à carne sempre será uma benção do Alto para que nos melhorem e progridamos, e que os deslizes e as faltas sempre correrão por conta do nosso livre arbítrio.

PAULO HENRIQUE D. VIEIRA

(Uberlândia – M. Gerais – Brasil)

(In: REVISTA INTERNACIONAL DE ESPIRITISMO – RIE – Matão – Brasil, Julho de 1999 e nossa Revista COMUNHÃO,,nº.127, de Julho a Outubro de 2002, de onde o transcrevemos).

*

EU, A DOCTRINA ESPÍRITA, O TEMPO... E O ‘HOJE’!...

(Desculpem escrever na 1ª pessoa...).

Desde a década de 70, quando me foi revelada a Doutrina Espírita, nunca mais parei de procurar adquirir o conhecimento que mais ajudasse a minha transformação moral, tornando-me um pouco menos imperfeita – e digo “um pouco menos” porque não tenho qualquer dúvida sobre o caminho ainda a trilhar até que, finalmente, atinja aquele ponto para que Deus me criou. E porque a Doutrina Espírita foi a religião (?), filosofia (?), moral (?) que o meu EU, com certeza, procurava, ela tem sido a base para tudo aquilo que procuro fazer acertadamente, seja em proveito próprio, seja no do meu próximo.

O “alimentar da minha fé”, o procurar e seguir Jesus têm sido uma constante, mas numa persistência que me leva a tentar transmitir, a quem de mim se aproxime, a necessidade de nos melhorarmos intimamente, seja pela melhoria moral como pela espiritual.

Se tem sido fácil? Nunca é fácil, porque a facilidade que encontramos no caminho a percorrer está sempre relacionada com mais uma queda na estrada das facilidades, no “deixa andar, amanhã penso em fazer melhor!”

Uma das coisas de que todos necessitamos é de disciplina; a outra, muito mais importante, é a de aprendermos a amar, pois da vivência do amor resulta o perdão que, sem ele, tão difícil é de se conceder! E quando recordamos que Jesus disse ser necessário perdoar 70 vezes sete vezes, pergunto ao meu orgulho e ao meu

egoísmo como fazê-lo, se uma vez só já é demais, dado o sacrifício com que todos os fazemos!

Mas o Tempo é, também ele, um grande mestre, e com o passar das folhas do calendário, ano após ano, a transformação vai acontecendo...

A estragar todas as conquistas conseguidas – a pandemia, ou, mais precisamente o Covid 19, já com alguns ‘filhotes’, que estão a ser piores que o pai! (Quando me manifesto assim para alguém, perguntam-me como posso brincar com um assunto tão sério e grave, e eu respondo: - Por causa da minha fé.

Jesus não disse que “se tiveres fé como um grão de mostarda dizes à montanha que se mova e ela mover-se-á?” Pois disse, e a “montanha” é, precisamente, a dos obstáculos/problemas a vencer...

E ainda sobre a fé, José, Espírito Protector, no “ESE – cap. XIX, nº. 11, na sua mensagem de 1862 em Bordéus, também afirmou: - “A fé, para ser proveitosa, não pode adormecer. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, deve velar atentamente pelo desenvolvimento das suas próprias filhas. (...)”

É isso aí! A minha fé diz-me que só acontece a cada um aquilo que cada um merecer; diz-me ainda (outra vez Jesus), que “se me ajudar, o Céu também me ajudará”... E “ajudar-me” será sempre o procurar fazer a minha parte nesta caminhada... E depois... não é verdade que, assim como reencarnamos também temos um dia – mais tarde ou mais cedo, quando Deus o entenda – que desencarnar?

A vida (terrena) foi-nos dada por empréstimo divino, da mesma maneira que tudo o que possuímos e julgamos conquista nossa! Nada nos pertence, nem sequer a família, porque “ninguém é de ninguém”!

Com os confinamentos/desconfinamentos tenho observado as coisas boas e menos boas que vão acontecendo, provocadas por cada um... e tenho analisado também a maneira como nos temos acomodado àquilo que deveríamos fazer, por ser responsabilidade nossa, e vamos deixando andar porque “os tempos não estão bons, o ambiente não está bom nem de confiança, temos de ter cuidado!... Este “temos de ter cuidado” tem levado a que muitos dirigentes dos Centros Espíritas tenham suspenso as actividades das Casas pelas quais se tornaram responsáveis, limitando-se a palestras online ou virtuais, como se nada mais houvesse a fazer num Centro Espírita.

Eu quero fazer uma pergunta: já repararam, com ouvidos e coração de escutar, nas vibrações de revolta, de desespero, de desesperança que pairam no ar, a rodear-nos a todos, provocadas por aqueles seres que a maioria dos encarnados não vê, mas sente? Além dos desencarnes não assistidos familiarmente, além de cada um “perdido” numa qualquer cama hospitalar, sem permissão de uma só visita, a morte tem acontecido sem que seja aguardada ou anunciada... e, de repente, “acorda-se” do outro lado da Vida e entra-se num desequilíbrio profundo perante a nova situação – que talvez não se perceba mas de que se respiram as consequências... E estes muitos sofrimentos, que poderiam ser minimizados se os Centros Espíritas estivessem a viver a sua tarefa primordial – a das reuniões mediúnicas – vai-se transmitindo de lá para cá, e vai sempre aumentando, enquanto se teima em realizar, apenas, as palestras virtuais pelo perigo do contágio!

É isto que nos diz a fé de cada um? Então, e quando as pessoas se agrupam nas esplanadas, nas praias, nos cinemas, nos restaurantes (onde não iam há tanto tempo!), aí não há o perigo de contágio?!...

Honestamente, não estou a compreender a mentalidade humana actual, que penso estar comodamente a servir-se de uma desculpa – de quem parece não ter fé -, para ficar em casa, a fazer ou escutar uma palestra virtual, para depois, talvez, correr para um encontro onde põem em perigo a estabilidade física!

Se as Casas Espíritas se organizarem cuidadosamente, afastando o espaço entre as cadeiras onde os frequentadores se sentarão; se tiverem, também ali, o gel desinfectante a distribuir a todos os que entrem; a máscara para fornecer a quem chegue sem ela e que é sempre imprescindível; com certeza que as suas portas se poderão reabrir sem qualquer temor. No final das reuniões, desinfectem-se todas as cadeiras usadas por quem esteve presente, e, para as reuniões mediúnicas, distribuam-se os tarefeiros por espaços maiores que os usados normalmente, com separadores acrílicos a protegerem médiuns e esclarecedores. Há necessidade de se recomeçar a tarefa caritativa-espiritual dos Centros Espíritas: há muito sofrimento a ser minimizado, muita dor a apaziguar... e eles, os nossos irmãos sofredores desencarnados, levados pelos seus Guias até aos Centros, não podem continuar a sentir que estão sós... A mediunidade que o Senhor distribuiu por todos não pode continuar em suspenso... ou então, esperando (ironicamente) que um dia também aconteça na internet!

MANUELA VASCONCELOS

MENSAGEM PARA VOCÊ

Você é muito importante para mim: você corre, almoça, trabalha, canta, chora, ama! Você sorri, mas nunca Me chama!

Você se entristece, depois se acalma, mas nunca agradece. Você tem tudo mas nunca dá nada!

Você sente amor, ódio, sente tudo menos a minha presença... Você tem os sentidos perfeitos, mas nunca os usa para Mim!

Você estuda e não Me entende; ganha e não me ajuda; canta e não Me alegra... Você é tão inteligente, e não sabe nada de Mim!...

Você reclama dos maus tratos, mas não valoriza o que Eu faço por você. Se você está triste, Me culpa por isso, mas se está alegre não Me chama e nem Me deixa participar de sua felicidade!

Você conhece tanta gente importante, mas não conhece a Mim, que o considero tão importante!...

Você faz o que os outros ordenam, mas não faz o que lhe peço com humildade... Você subiu na vida, pisa os menos favorecidos; se não subiu, descarrega sobre Mim a sua ira.

Você tem tempo para tudo, mas nunca tem tempo para pensar em Mim! Você quebra tantos ‘galhos’ para os amigos, mas não tira os espinhos de Minha testa!

Você reclama tanto da vida mas não sabe que a Minha Vida é tão triste por sua causa!...

Você entende todas as transações do mundo, mas não entende a Minha Mensagem! Você baixa os olhos quando um superior lhe fala, mas não levanta esses mesmos olhos quando lhe falo de Amor!...

Você fala das pessoas e não sabe que Eu conheço a sua vida! Você conheça muitos obstáculos na vida, é forte, mas – que pena! -, embora não admita, sei que tem medo de Mim!

Você defende seu time, seu actor, mas não me defende no meio de seus amigos! Você não sente vergonha de se despir perante alguém, mas sente vergonha de tirar sua máscara diante de Mim!...

Você corre com seu carro, mas nunca corre para os meus braços!... Você costuma “às vezes” falar do que Eu fiz, mas nunca me deu oportunidade de falar do que você faz!...

Você é um corpo no mundo... Eu sou um mundo em seu corpo...Eu sou Alguém que todos os dias bate à sua porta e pergunta: - “Tem um lugar para Mim em sua casa... em sua vida,.. no seu coração?...”

Eu estou presente nestas linhas que você, por curiosidade, começou a ler: EU SOU JESUS. Quero apenas uma coisa: Você!

*

(Jornal Espírita Brasileiro ‘O Imortal’, Junho de 1981, e Revista ‘Comunhão’, Novembro/Dezembro de 1982 e Janº/Fevº/1998).

DE ÂNIMO FORTE

Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, amor e moderação.
- PAULO (II Epístola a Timóteo, 1:7).

Não faltam recursos de trabalho espiritual a todo irmão que deseje reerguer-se, aprimorar-se, elevar-se.

Lacunas e necessidades, problemas e obstáculos, desafiam o espírito de serviço dos companheiros de fé, em toda parte.

A ignorância pede instrutores, a dor reclama enfermeiros, o desespero suplica orientadores.

Onde, porém, os que procuram abraçar o trabalho por amor de servir?

Com raras exceções, observamos, na maioria das vezes, a fuga, o pretexto, o retraimento.

Aqui, há temor de responsabilidade; ali, receios da crítica; acolá, pavor de iniciativa a benefício de todos.

Como poderá o artista fazer ouvir a beleza da melodia se lhe foge o instrumento?

Nesse caso, temos em Jesus o artista divino e em nós outros, encarnados e desencarnados, os instrumentos d'Ele para a eterna melodia do bem no mundo.

Se algemamos o coração ao medo de trabalhar em benefício colectivo, como encontrar serviço feito que tranquilize e ajude a nós mesmos? Como recolher felicidade que não semeamos ou amealhar dons de que nos afastamos suspeitosos?

Onde esteja a possibilidade de sermos úteis, avancemos, de ânimo forte, para a frente, construindo o bem, ainda que defrontados pela ironia, pela frieza ou pela ingratidão, porque, conforme a palavra iluminada do apóstolo dos gentios, “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, amor e moderação”.

EMMANUEL

(EMMANUEL, Francisco C. Xavier, “Vinha de Luz”, 27ª ed. FEB Brasília DF, Brasil. Cap. 31).

*

“Ninguém se confie à aflição para impor os princípios Evangélicos, nesse ou naquele sector da experiência que lhe diga respeito. Muitas vezes, o que parece amor não passa de simples capricho, e, em consequência dessa levandade, é que encontramos verdadeiras matilhas de cães avançando em coisas santas. – EMMANUEL.

*

